

RODRIGO EMÍLIO

Querida Família do Rodrigo Emílio,
Minhas Senhoras,
meus Senhores:

Foi o David Mourão-Ferreira quem me apresentou o Rodrigo Emílio. Na rua, talvez, perto da casa do Tomaz de Figueiredo, que os três admirávamos. O David morava na Poeta Mistral; eu, na Marquês de Tomar; o Rodrigo na 5 de Outubro, a dois passos uns dos outros. O Rodrigo era, então, aluno do David, na Faculdade de Letras. Havia qualquer matéria escolar a esclarecer entre os dois. O Rodrigo mostrava-se um rapaz esbelto, de feições aristocráticas, todo vestido de negro. Talvez pela morte recente do Pai.

Quando se afastou, o David confidenciou-me que ele era um aluno brilhante, muito inteligente, e já um poeta de rara sensibilidade. Referiu-me, também, as suas raízes familiares; falava-me do «mavioso» Thomaz Ribeiro e do pai, Rodrigo de Mello, que eu conhecera, em 1946, mal cheguei a Lisboa, talvez por intermédio da minha irmã Maria Manuela.

Com efeito, minha irmã, três anos antes premiada pelo Grémio dos Editores e Livreiros, com o seu romance «Raízes que não secam...», mantinha relações de amizade e profissionais com o jornalista Humberto Mergulhão, companheiro de boémia de Rodrigo de Mello, ambos compondo versos às mesas, ainda não turísticas, dos retiros de fado, para a boca típica das cantadeiras, e, até, para as revistas do Parque Mayer, como aqueles das «Carvoeiras» (estes, de Rodrigo de Mello), que continuam a escutar-se, agradavelmente, na rádio e na televisão. Foi Mergulhão, decerto quem o apresentou a minha irmã.

O escritor ia estrear-se, como dramaturgo, no *micro*, aquele Teatro-Estúdio do Salitre, dirigido por Gino Saviotti e Vasco de Mendonça Alves, o nosso pioneiro palco experimental e a coqueluche da intelectualidade lisboeta, um tanto sofisticada, e da sociedade *snob* e de bom-tom que prezava a cultura. A peça chamava-se «Uma distinta Senhora». Rodrigo de Mello convidou a Maria Manuela e os irmãos para assistirem a um ensaio. Foi a minha primeira visita ao *Salitre*, onde, dois anos mais tarde, iria aparecer como cenógrafo e actor.

Admirei a novidade e a beleza do texto e a interpretação, com garra, de Carlos Duarte.

Mas nunca mais contactei com o autor, embora lhe fosse lendo, com prazer, as crónicas teatrais na imprensa. Ele já estava tísico, num Sanatório do Caramulo. Não tardaria a falecer.

A minha memória não reteve o percurso do meu convívio com o filho, a partir daquele encontro de rua.

Não sei como, tornámo-nos íntimos, no partilhar das mesmas convicções estéticas, das mesmas ideologias, das mesmas amizades.

Admirava-lhe a poesia singular, a arte exímia com que manipulava a palavra, o seu valor lírico e satírico.

Em 1973, convidei-o a prefaciá-lo o livro «Raiz da Lágrima», que aceitando a incumbência, ele transformou num longo estudo sobre a minha poesia escrita até essa data. Trabalho de grande rigor crítico e notável qualidade literária.

Muitas vezes, abancando por cafés da preguiça; outras ocasiões na minha própria casa, onde todos estimavam os seus modos cortezes de fidalgo antigo, carregando o peso de alguns sacos de plástico, peçados de livros, jornais, papéis, material da sua erudição e de momentos inspiradores; mas peso excessivo, que, aliás, originou, à fragilidade do seu corpo, uma hérnia gigante, de que nunca se quis libertar, na sua trágica aversão a médicos e hospitais, chamando-lhe, com entranhado carinho, a sua «hérnia literária».

Este jovem e homem feito, impecável no seu fato escuro, na sua gravata discreta, surpreendia-me, em domingos de futebol, de cachecol às riscas verdes e brancas, ladeado pelos filhos, também de cachecóis idênticos, agitando, nas mãos, bandeiras do Sporting, numa euforia a caminho dos Estádios.

O que me dava, dele, uma imagem deveras mais humana e enternecedora.

Quando, em 1974, desembarcou Abril, com o seu bafo pestífero e mortal, Rodrigo Emílio passou, certa noite, as águas do Guadiana, recolheu à Espanha franquista, rumou aos Estados Unidos, visitou o México.

De todas estas paragens, inquietantes e exóticas, trouxe versos como trouxera das plagas moçambicanas em guerra.

Com o seu timbre de lírico excepcional e excepcional poeta satírico, visando a *revolução dos cravos* e os seus sequazes.

Um músico e cantor, igualmente excepcional, José Campos e Sousa, surpreendeu as qualidades melódicas de tais poemas, o seu prodigioso efeito ideológico, a força da sua intervenção nos espíritos, e vem divulgando-os em discos e espectáculos, na expressão da sua voz inconfundível e no dedilhar a mestria da sua viola.

Em 1976, Manuel Maria Múrias funda o semanário *A RUA*, de que fui padrinho de baptismo e redactor.

Rodrigo Emílio alinhou logo nesta iniciativa corajosa, que afrontava, com humor, com inteligência e com patriotismo, as próceres do 25 de Abril, os seus desmandos desmedidos.

Alinhou em prosa e verso. E, quando propus o nascimento duma colecção de Poesia, *Colecção Camoens*, apoiada pelo jornal, o poeta juntou-se a mim e ao Amândio César, com a obra «Reunião de Ruínas», com capa e retrato do autor, desenhados pelo meu filho Juan Soutullo.

Não sei se, para isso, houve de sacrificar alguns pinheiros, em terras beiroas de seus avós.

Um livro, o último, da sua inspiração torrencial, mas primorosa de jogos de ritmos e rimas.

Ao amargor do seu verso doído, eu quis responder-lhe com farrapo da esperança no futuro desesperado, incerto.

E, no meu volume da colecção, o «Nado Nada», escrevi-lhe o poema *Para Hoje*, que, em sua memória, quero reproduzir aqui:

*É preciso ficar, aqui, entre os destroços,
E cinzelar a pedra e recompôr a flor,
É preciso lançar no vazio dos ossos
A semente do amor.*

É preciso ficar, aqui, entre os caídos,

*E desmontar o medo e construir o pão.
É preciso expulsar dos cegos dias idos,
A insónia da prisão.*

*É preciso ficar, aqui, entre os escombros,
E libertar a pomba e partilhar a luz.
É preciso arrastar, pausa a pausa, nos ombros,
A ascensão de uma cruz.*

*É preciso ficar, aqui, entre as ruínas,
E aferir a balança, e tecer linho e lã.
É preciso o jardim a envolver oficinas.
É preciso amanhã.*

Nos inícios dos anos 80, terminou a aventura de «A Rua».

Eu não tardaria, durante três anos, a emigrar para Macau. Ele, para Viseu e, depois, para a sua casa histórica de São José, em Parada de Gonta, próxima às audições bucólicas do Pavia, a memorizar estrofes do «Dom Jaime» avoengo.

Em 1988, editei, na Cidade do Santo Nome de Deus, o meu volume «No Oriente do Oriente», premiado por esta ilustre Casa. Rodrigo soube-o pelos jornais e, entre Julho de 88 e Julho de 90, envia-me a seguinte missiva em verso, inédita até hoje:

«António Manuel Couto Viana:
ouvi falar de si esta semana,

não por motivo de nenhum sarau
mas, sim, de um livro seu sobre Macau.

Fiquei logo *num sino*, já se vê.
Sabe, pois, ao que venho?... Sabe a quê?...

O meu anseio de lhe «ouvir» o canto
é tanto ou tão pouco — é tanto, tanto! —

que ou me despacha o livro ao domicílio,
com taxa de velocidade,
ou este seu Rodrigo *Exílio*
morre mesmo, de ansiedade!

Estou, naturalmente, impaciente
por deslindar, no diapasão da sua voz,
um Oriente a oriente do Oriente
para orientação de todos nós.

É que o destino, comigo, foi padraço,
Amigo, e privou-me do prémio meritório
de «ser mais eu, génio, do que o de Castro,
e mais de Castro que Alberto Osório».

(Sempre rapaz,
vem já aí de trás,
muito em segredo,
o nosso Tomaz
de Figueiredo,
a achar, em suma, que, «de *castros e caldas,*
nem armas nem fraldas»).

Escrevo-lhe no meio do esplendor
d` uma manhã de Julho,
com céu e terra a lembrarem-me um *décor*
do Juan Soutullo.

(Mal empregado, este cenário
de idílio e de Virgílio,
para um monge literário
sem folga e sem horário,
como o Rodrigo Emílio...!)

Nómada sedentário
dou-me todo, *todinho*, ao fado-fadário
de escritas cada vez mais desabridas...
(Estado estacionário.
Visitas suprimidas.).

Num misto de apego e desapego,
Vou eu vivendo, aqui, agora.
Mas há um enorme desassossego
no sossego da hora...

Se o coração — esse maroto! — não me engana,
há-de cá vir, dentro em pouco, Couto Viana,

a esta velhinha Casa de São José
que, sendo minha, sua é!

(Ali, de pé,
e ao alto do altar
da capela pré-familiar,
a imagem
de um São José
retabular
— que tem a vantagem
de ser um Santo *impopular* —
vive na fé
de o contemplar.).

Num grande abraço o agacho,
com a alma em sobressalto.
Fica *em baixo*, um pouco *em baixo*,

mas *de braço* sempre *ao alto*,
estoutro Primo Basílio
de extracção provincial,
que é o seu Rodrigo Emílio,
feixista, etc... e tal.»

Carta cheia de lisonjas, graça e citações de títulos dos meus livros, de poesia; carta que poucos anos mais tarde, em 1999, me deu a sugestão de convidar o autor para me prefaciar «Rota do Oriente», conjunto de todos os versos concebidos na Ásia perturbadora e sortílega, que intensamente vivi.

Entretanto, Rodrigo Emílio, carregando a sua doença e o seu fardo de livros e papéis, ia organizando, com cuidadoso carinho, a vasta obra paterna, antologias várias, ainda inéditas, versos para canções, textos para evocações e prefácios.

Todavia, aquele que lhe pedira para o «Rota do Oriente», a publicar pela Fundação Oriente, tardava em ser feito, em me aparecer em mão.

Em 2000, adoeci com gravidade, baixei ao Hospital, fui operado de urgência e amputado num pé.

Durante a minha estada na angústia numa enfermaria, recebi-lhe a solicitude de algumas visitas reconfortantes e a promessa da próxima entrega do prefácio.

Em Junho desse ano, arrastado numa cadeira de rodas, fui ocupar um quarto ensolarado na Casa do Artista, onde, finalmente, Rodrigo Emílio, cada vez mais erradio, me entregou o texto que irá enobrecer o meu livro orientalista garantido para o presente ano.

Como lamento, que o autor não possa já assistir ao seu lançamento, como assistiu, fantasma de si próprio, ao do meu último de versos, «O Velho de Novo»!

O coração deu-me, nessa altura, um dobre, ao contemplar-lhe a cor e a magreza cadavéricas, que nada auguravam de bom.

E não tardou que a manhã de 29 de Março de 2004 viesse trazer, aos meus ouvidos, a voz comovida e amiga do José Campos e Sousa, a comunicar-me o que a minha alma previra, naquele fim de tarde festivo do Círculo Eça de Queiroz. Rodrigo Emílio acabara de falecer.

A mesma trágica notícia trazia-me, entre lágrimas, a Senhora sua Mãe, Dona Margarida de Mello, a quem, através dos anos, tanto devo de gentilezas.

O profundo desgosto desencadeou um impulso criador que me levou à banca de trabalho, onde escrevi, num ímpeto, numa vertigem da alma e coração feridos, sem uma hesitação, sem uma emenda, os seguintes dois poemas à memória do poeta que amei; do amigo que estimei, como da família.

O primeiro, intitulava-se, apenas, *Elegia* e é o retrato do homem e do artista que tive a honra de conhecer, nítido, sem a sombra de uma nuvem a toldar-lhe a convicção dos ideais:

*Hasteou, em farrapos, a bandeira
De uma pátria vazia
E obrigou-a a ondear, livre e inteira,
Aos ventos que dão glória à valentia.*

*A sua alma, firme e verdadeira,
Moldou-se em revoltada rebeldia,
Para ler, página a página, a Odisseia,
Cada dia.*

*Não conheceu fronteira
Para a sua ousadia,
Castigando, no fogo da fogueira
Dos seus versos, traição e cobardia.*

*Recusou a coleira
De toda a hipocrisia
E teve, por esperança derradeira,
A poesia, a poesia, a poesia.*

O segundo, reflecte o meu estado d'espírito, no momento da dor, e aquela reacção que sempre me acompanha, generosa e luminosa, perante o desespero e as trevas: chama-se *A Morte em mim*

*Perguntas quem me morreu?
Fui eu.*

*Eu morro de cada vez
Que me avisa o coração
Que morreu um poeta português
E eu não.*

*Mas ressuscito se escuto
A voz em que se exprimia,
Pois nunca visto com a dor do luto
A poesia.*

A voz de Rodrigo Emílio; a voz da sua maravilhosa, prodigiosa inspiração poética, constantemente soa em mim, bela e hábil, canora, original, profunda e severa nos seus temas patrióticos e ideológicos.

Jamais a esquecerei. Sempre a exaltarei, relembrando dois versos que compus em 1949 e não cesso de citar, num conselho às sensibilidades e inteligências do meu país:

*A homenagem ao poeta que morreu
É decorar-lhe os versos.*

Quem o não fará?

(30.03.2005)

António Manuel Couto Viana

Comunicação lida na Homenagem a Rodrigo Emílio, realizada no Salão Nobre do Palácio da Independência, no dia 02.04.2005.